

OS PATRONOS

RODOLFO TEÓFILO

PE. ASSIS MEMÓRIA

Alguns membros da “Academia Cearense de Letras” me pediram uma informação sôbre o que penso do grande homem, que foi Rodolfo Teófilo, nosso conterrâneo e notável romancista. E é com imenso prazer que passo a relembrar um beneditino das nossas letras, e, sobretudo, um benemérito da humanidade, no meio em que se projetou aquêle grande nordestino, que se imortalizou por uma vida tão longa e benfazeja quanto serena e rútila. O Ceará, mui especialmente, em seu povo sofredor, recebeu em cheio, no decorrer de mais de meio século, a irradiação luminosa daquele brilhante espírito e, mais do que isto, a atuação eficiente daquele grande coração. Basta aquela obra piedosa da vacina gratuita aplicada a tôda uma população pobre a braços com a mais tremenda epidemia da varíola, para o promover às culminâncias de um filantropo. Quem é cearense sabe o que foi aquilo em anos dilatados. Mal terminava as suas lições no Liceu — era catedrático de História Natural — montava no seu cavalo — não havia, ainda, automóvel — e, provida a valise do necessário e também de bom-humor, lá ia, à procura de quem vacinar.

Seu nome ingressou triunfal na gratidão da sua terra e isto compensou o seu trabalho, a sua empresa benemérita. Sua obra de bondade foi grande. Não foi menor a sua obra de inteligência. Especializou-se nas letras como romancista. Mas os

seus romances valiam como estudos psicológicos do homem e da terra, que escolheu como figuras e cenários dos seus livros. Suas produções literárias primam pelo irrepreensível da forma e pela veracidade da substância. A “Sêca do Ceará” não é somente um livro, porque é, também, uma fotografia perfeita. O “Paroara” — a obra principal do escritor — não é um simples romance. Trata-se do quadro fiel de uma época, a fase célebre da pletora de ouro na Amazônia. É uma descrição magistral do setentrião brasileiro, quando um seringueiro anônimo chegava a ser um ricoço tão abastado de fazenda quanto apoucado de espírito. A arte literária de Rodolfo Teófilo é toda feita de côr local, com o objetivo de criticar para corrigir. Era a preocupação absorvente de patriotismo construtor, de brasilidade autêntica.

Ele pertencia àquela geração de gigantes que, no nosso Ceará, evangelizou a Abolição, fazendo que a “terra da luz” redimisse, antes de todos, neste País, os seus escravos, dando assim, ao Brasil inteiro, uma lição de civismo e um belo exemplo de caridade cristã. A sua obra apostolar resumiu-se nisto: uma vasta irradiação de bondade e de compaixão pelos que sofrem.

A última vez que o vi, foi há muito, em uma excursão à terra natal.

Mal aportei àquelas plagas sempre evocativas, o velho romancista procurou-me. Ao lado de tão venerando ancião, passei uma tarde inteira. Agora, comovido, relembro aqueles instantes fugidios, cada vez mais raros nesta vida, cada dia mais desinteressante. E reconstituo aqui a figura invulgar do grande benfeitor de minha terra. Barbas brancas, patriarcais, porte alto e ereto, magro, de perfeita magreza ascética, olhar doce, penetrante, leal e um perene sorriso de piedade, iluminando uma fisionomia calma, serena sempre. Dois anos após êste encontro inesquecível êle faleceu.

O Congresso Nacional, bem me lembro, por unanimidade, lhe concedeu o título merecido de cidadão benemérito. E êle o era, como os que mais o foram nesta terra.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

No sacrário dos corações cearenses, porém, viverá perpetuado mais do que como cidadão benemérito:— como um ídolo, como um justo.

E aí está, caros Acadêmicos cearenses, o que sempre pensei e sempre pensarei sôbre um dos nossos conterrâneos literatos, que além de homem de letras se imortalizou na memória da posteridade. Foi, em suma, um esteta da frase como Euclides da Cunha e um filantropo, um amigo dos sofredores, como São Francisco de Assis.